

a una serie de "conclusiones" que sólo vendrían a frenar un proceso que está en marcha en el momento que se escriben estas páginas" (199).

Parte de esta transformación salvable que se propone en *Literatura y paternalismo...* es la apertura del diálogo y el debate sobre los estudios culturales puertorriqueños, de modo que el texto deja de ser espacio totalizante y definitivo, para convertirse en espacio del proceso de diálogo crítico que genera nuevas polémicas y preocupaciones. Es en este último sentido que este texto hace su contribución más significativa a la tradición de la crítica literaria y cultural, pues propone que lo importante no es hacer prevalecer una interpretación particular, sino provocar más reflexión e interés sobre estos temas. Gelpí reconoce y evidencia los límites de su escritura y abre el final de su texto al público lector, propiciando no sólo una lectura más cómoda de su texto, sino invitando a la participación en su reflexión por medio de nuevos proyectos. Es por ello que se puede ver este estudio crítico como un texto iniciador y no como clausura de un debate que sigue ocupando el centro de los discursos puertorriqueños a fines del siglo XX: el de la identidad nacional y sus numerosas deconstrucciones y rearticulaciones a lo largo y ancho de la literatura, el arte, y toda una serie de discursos alternos.

Yolanda Martínez-San Miguel
Universidad de California, Berkeley.

Antonio Risério. Testos e tribos: Poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

No último capítulo de *Textos e tribos*, Antonio Risério relembra o epílogo de *Macunaíma* de Mário de Andrade, especialmente o caso do papagaio que é o único falante da língua da extinta tribo tapanhumas, à qual pertencera Macunaíma. Risério esclarece que neste caso Mário de Andrade estava retrabalhando um relato de Humboldt em suas

Viagens, sobre a tribo dos Aturés que, batidos pelos caraibas, se havia refugiado entre os rochedos e se extinguiu. A memória da língua da tribo Aturés só restava com um papagaio. Risério comenta: "Caso o relato seja verdadeiro, aí está a única espécie de poesia que permanecerá inacessível para nós, a menos que lascas de fala psitacidea sejam decodificáveis--a poesia dos povos que desapareceram sem deixar registro. Afora disto, toda a poesia do mundo está ao nosso inteiro dispor."

Esta preocupação--recolher o material de tribos indígenas e de grupos negros--é uma das principais deste livro. Na defesa dessa empreitada, Risério revisa, entre outras coisas, o conceito de literatura, as caracterizações de povos entre "primitivos" e "civilizados," e propõe a inclusão da poesia indígena e das formas de poesia negra à literatura brasileira porque, ele diz, "[a] criação textual, nas terras atualmente brasileiras, começa com tupis e tapuias. Só mais adiante aparecerá Anchieta, refém dos tamoios, escrevendo *De Beata Virgine Dei Matre Maria* nas areias do Iperoig."

Como Antonio Risério faz questão de frisar, tanto os textos indígenas quanto os africanos não cessaram jamais de ser criados no Brasil, mesmo que uma visão eurocêntrica de textos literários tenha se negado através dos séculos em reconhecê-los como as obras poéticas que são. "Por que ainda hoje não agregamos tais textos ao conjunto dos nossos bens simbólicos?" ele pergunta. E ele mesmo responde: "A marginalização do textos indígenas e negroafricanos é um reflexo, no ambiente letrado, do estatuto subordinado dessas culturas no espaço mental brasileiro--reflexo, por sua vez, do lugar ocupado por essa gente, e pela maioria dos seus descendentes mestiços, na estrutura da sociedade nacional." Embora Risério nos alerte para o fato de que já há muito tempo os etnógrafos recolhem esse material que ele reclama para a poesia, o problema com o material recolhido pelos etnógrafos, ele diz, é que são "versões 'conteudistas'". Isto, de acordo com ele, não resolve o problema da recuperação desses textos que ele, cauteloso-

samente, chama de “extraliterários,” e “não-europeus.”

Adiante no livro, Risério mostra na prática o que propõe na teoria: a transcrição de um oriki de Oiá-Iansã da criação verbal nagô-iorubá e sua tradução em português, e mais um oriki de Xangô, e finalmente a tradução em português de uma belíssima criação poética de autoria do xamã Kañipayero da aldeia do Ipixuma. As transcrições e traduções são dadas após muitos alertas ao fato de que estas criações poéticas são parte de tradições orais cujas estruturas, embora não tendo raízes comuns à tradição que Risério chama de “atenienses,” apresentam um grau de complexidade e profundidade que não fica devendo nada a nenhum dos “grandes” da literatura ocidental. Dadas as traduções, Risério faz um estudo das criações, prestando especial atenção à sua estrutura complexa, e às suas origens em uma visão cósmica peculiar a cada um desses grupos. No caso, por exemplo, da criação de Kañipayero, “Canto da castanheira,” Risério explica como, na tradição da cultura araweté, o que mais se apreciava em tais criações é o uso de imagens novas aplicadas a uma estrutura já aceita pela tradição. Tal estrutura poética desmente a velha crença de que o texto poético indígena—seja araweté, ou tupi, ou qualquer outra nação—é repetitivo e se reverte sempre a um ritual lingüístico imutável.

Textos e tribos é, realmente, um livro fascinante, de uma prosa agradável, gostoso de ler. Antonio Risério faz proposições de trabalho muito pertinentes e urgentes para os estudiosos do fazer poético brasileiros. Concordo totalmente com ele que é mais do que hora de aprender a apreciar esta poesia viva que tanto nossos indígenas quanto nossos descendentes de africanos estão fazendo a cada dia neste país. Só encontro no livro alguns problemas relacionados mais com a sua postura ideológica de homem educado no universo de cultura “ateniense” (que ele mesmo usa para referir-se à cultura européia) em relação a criação poética dos “não atenienses.” Risério se aproxima do fenômeno poético já com a postura do

homem ocidental, nascido, criado e escolado dentro dessa ideologia ocidental a que ele se refere às vezes com desdém, mas cujos pressupostos ele às vezes se esquece de questionar. Um exemplo muito claro disso está na sua repetida menção do êxtase de Picasso diante das máscaras africanas, que ele conheceu como resultado da busca, neste início do século, de uma volta ao “primitivo.” Ora, para Picasso, essas máscaras maravilhosas só tiveram valor enquanto objetos estéticos. Não houve, que eu saiba, nenhum interesse de sua parte na sociedade cujos artistas produziram esses objetos. Não houve, na realidade, nenhuma valorização cultural, mas sim uma fetichização de um determinado objeto, que por acaso, na moda do momento, era a máscara de origem africana. Para Picasso, certamente nem o conteúdo nem o peso simbólico dessas máscaras contavam. Como Risério pede os poetas braileiros façam com os textos não-europeus criados em solo pátrio, para Picasso o que valeu foi o aspecto “estético.”

Um outro detalhe que me chamou a atenção no livro foi a presença de um texto, ao qual Risério diz que Augusto de Campos (“talvez o maior poeta que o mundo produziu na segunda metade do século XX”) se refere como sendo “um dos mais epantosos poemas sobre o ciúme que conheço,” e que é de autoria de um “anônimo pele-vermelha.” O texto do poema, como citado a página 53, diz “eu me pergunto/ se ela estará suficientemente humilhada—/ a mulher sioux/ cuja cabeça acabo de cortar.” Concordo que nossa função como estudiosos do fazer poético é respeitar quaisquer atos poéticos. Mas por que citar justamente este texto misoginista, indicador de violência contra a mulher, e chamá-lo meramente de “espantoso”? A razão da escolha, me parece, e a mesma que faz com que Risério, entre tantos exemplos de Souzaândrade, escolha citar aqueles versos que falam da genitália feminina. Aqui temos, então, um exemplo de um pesquisador: leia-se *pesquisador homem, animal macho da espécie Homus Brasileirus*. Nem a ciência nem a pesquisa poética são assexuadas, não senhor. Desde os tempos em

que nossos romancistas enfermizaram, histericizaram e medicalizaram o corpo feminino sabemos que, assim como o olho do dono é que engorda o boi, é também o olho do poeta que nos pinta as musas, de acordo não com o gosto delas, mas o *dele*. Então faz sentido que um homem, Augusto de Campos, eleja um texto como o citado, e depois outro homem, Antonio Risério o re-eleja, e que ambos não notem que tal texto é ofensivo para ouvidos femininos. O que não faz sentido é ambos esperarem que todos, leitores e *leitoras*, concordem com sua escolha. Não; falar de cortar cabeças de mulheres, “por ciúme” (onde foi que ele viu ciúme?), não é espantoso: é horrível, cruel, desumano.

Aqui me ocorre fazer uma comparação com um outro trabalho, que por sinal também coloca em prática o que Risério conclama os poetas brasileiros a fazerem. Trata-se da tese de mestrado da professora Cláudia Netto do Valle, defendida na UNICAMP em 1986, “Popunkare ou nós mesmos; uma investigação sobre o ritmo numa sociedade de tradição oral.” Cláudia passou seis meses com a comunidade Apurinã do km 45 da BR 317, situada a sudoeste do Estado do Amazonas. Conforme Cláudia não se cansa de estressar no seu trabalho, a coleta de dados, a compreensão da língua Apurinã (na ocasião somente usada nas cerimônias tribais, porque os índios haviam sido praticamente forçados a adquirir o português para evitar serem ainda mais discriminados pelos brancos), só foi possível graças à *ajuda, compreensão e generosidade* do povo que a acolheu. Esta dissertação, toda ela, é plena de agradecimento àquela comunidade de brasileiros que, mesmo tendo uma cultura riquíssima, em geral só recebem a visita do branco quando ele quer espoliá-los, humilhá-los, quando não simplesmente matá-los. Cláudia não apenas *recolheu o fenômeno poético*. Ela aprendeu a respeitar os que fazem a poesia antes mesmo de saber se eles faziam poesia.

Um outro problema tem a ver com o que me parece ser uma implicância de Risério com o método etnográfico, por ele ser “conteudista,” e não se interes-

sar pelo aspecto estético do material recolhido. Ora, se o etnógrafo passar a fazer coleta de material--tanto de textos como de objetos--visando primordialmente seu valor estético (e uso estético aqui cautelosamente), a etnografia passará a ser um apêndice de antologias e museus. A solução que Risério propõe me parece bastante boa e viável: que etnógrafo e poeta juntem forças na coleta de material. Mas nada será feito além de mera “coleta,” se um profundo respeito pela comunidade que dá origem ao material não vier de mãos dadas com a curiosidade científica. Que tanto os orikis como os poemas xamânicos que Risério trabalha são belíssimos e que eles dão idéia do manancial à nossa disposição, disso não há dúvida. Agora, o que dá pra duvidar é que somente a incorporação desses *textos*, sem a necessária tomada de consciência da situação real de subalternidade dos grupos que os produzem, se constitua em grande coisa.

O nosso maior problema, enquanto nação que se quer civilizada, não é o fato de não termos incorporado ao nosso patrimônio literário as obras “extra-européias.” A ausência desses textos é um sintoma mas não o a dor-lença. Aquilo de que o Brasil sofre mais no momento não é de falta de textos, mas sim da falta de uma consciência da dignidade dos povos diferentes que constituem a nação. Digamos que os textos sejam recolhidos, no seu esplendor e beleza, estudados, incorporados a uma fase “indianista” ou “afro-brasileira.” E daí? Podemos nos esquecer daqueles que são os autores desses textos? Podemos passar por cima do fato de que eles estão não somente nas margens do imaginário nacional, mas também nas mais precárias condições de vida?

Mas, talvez alguém possa dizer, isso não é problema da literatura. Eu acho que é. Ouvrir a voz do outro, reconhecer o outro, é mais do que ficar extasiado diante dessa voz. A voz do outro precisa ser ouvida não somente como fenômeno estético, mas como um *fenômeno político*.

O grande filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein uma vez escreveu: “Se um

leão pudesse falar, nós não o entenderíamos." Certo. E para entendermos o leão, não basta que saibamos os seus códigos fonéticos, suas estruturas gramaticais, seu léxico. Necessitamos entender como o leão pensa, precisamos entrar no seu universo simbólico, compreender seu sistema social. Da mesma forma, não basta recolhermos os textos indígenas e africanos: temos que, todos nós, falar e gritar, se necessário, em favor da preservação das *peessoas* que compõem as culturas que produzem esses textos. Não basta lamentar que um pobre papagaio seja o único falante da língua de uma tribo extinta e portanto que a poesia desta tribo esteja irremediavelmente perdida. Se tal fosse o caso, bateria que nos apressássemos, todos nós caraiabas, munidos de gravadores, máquinas de filmar, câmeras fotográficas, e fôssemos a todas as tribos e todos os grupos negros e recolhêssemos os textos que eles produzem, e depois os deixássemos (como, aliás, se pode dizer que *deixamos*) sem escola, sem justiça, a mercê de exploradores, ladrões, e assassinos. Quando a última voz indígena se calar, quando o último atabaque deixar de ser batido por mãos negras, podríamos, então, dar o nosso suspiro de lívio por temos cumprido a nossa missão.

Eva Paulino Bueno
Penn State University-DuBois

Saul Sosnowski, comp., *Represión, exilio y democracia: La cultura uruguaya*. Universidad de Maryland: Ediciones de la Banda Oriental, 1987.

Saul Sosnowski, Louise Popkin, eds., *Repression, Exile, and Democracy: Uruguayan Culture*. Durham and London: Duke University Press, 1993.

La obra reseñada, *RePression, Exile, and Democracy: Uruguayan Culture* compilada por Saul Sosnowski, es el resultado de una conferencia convocada en marzo de 1986 por la Universidad de Maryland para tratar diversos as-

pectos referentes al proceso de redemocratización que por aquella época se vivía en Uruguay y en todo el Cono Sur. Según explica el compilador en su introducción, el encuentro de intelectuales y artistas uruguayos había tenido como precedente un encuentro similar en la misma Universidad para tratar "el caso argentino". El libro entonces recoge lo que fue la estructura de la conferencia, dividido en cinco secciones temáticas que representan otros tantos paneles de exposición-discusión de aquella.

Hay que señalar que existen diferencias notables entre la edición en español y la edición en inglés de esta obra. Falta en la segunda la quinta sección completa, titulada "Las dimensiones comparadas del Sur", la que enfatiza la dimensión regional de las transiciones democráticas a través de las exposiciones de los procesos argentino, brasileño y chileno. Falta asimismo en la edición en inglés la transcripción de las discusiones que con la participación del público asistente cerró la sesión de cada panel.

Los registros discursivos de la conferencia no podrían haber sido más variados, desde el ensayo estrictamente académico (como los que forman la sección "Contextos", primera del libro), al testimonio de la cárcel, desde la ponencia que trata de sintetizar una época ilustrándola con anécdotas reveladoras, hasta el poema que intenta descender a los infiernos de la tortura. Algunas de las ponencias revelan explícitas y notorias fidelidades ideológicas, en tanto en otras se detecta un no menos notorio afán de evadir los clichés político-ideológicos al uso. También se "siente", más que se articula en discurso, la existencia de una brecha generacional, y otra entre exiliados e insiliados.

La conferencia refleja claramente el "momento espiritual" de la coyuntura en la que se inscribe. Una coyuntura signada por la obsesiva búsqueda del consenso a todo nivel, como forma de asegurar la gobernabilidad del primer Presidente elegido (casi) democráticamente al cabo de 12 años de férrea dictadura militar. Como se puede comprender fácilmente, la sociedad uruguaya había depositado enormes expecta-